

O CINEMA EM MATO GROSSO

PATRIMÔNIO CULTURAL

THE CINEMA IN MATO GROSSO: HERITAGE

Aníbal Alencastro¹

RESUMO: O texto versa sobre o surgimento do cinema no mundo e sua chegada no Brasil e em Mato Grosso, e de como isso mudou a sociedade. Especificamente em Mato Grosso, necessário se fez uma digressão sobre os cinemas instalados na capital mato-grossense desde o século XIX, seus proprietários, o cinema mudo e sonoro, os filmes apresentados e as alterações de comportamento e concepções advindos da introdução evolutiva dessa nova tecnologia.

Palavras chave: Memória. Cinema. Mato Grosso.

ABSTRACT: The paper analyzes the emergence of cinema in the world and their arrival in Brazil and Mato Grosso and how it changed society. Specifically in Mato Grosso, it was necessary to a digression on the cinemas installed in the capital of Mato Grosso, from the nineteenth century, their owners silent movies and sound, the films produced and the changes in behavior and evolutionary concepts arising from the introduction this new technology

Keywords: Memory. Cinema. Mato Grosso.

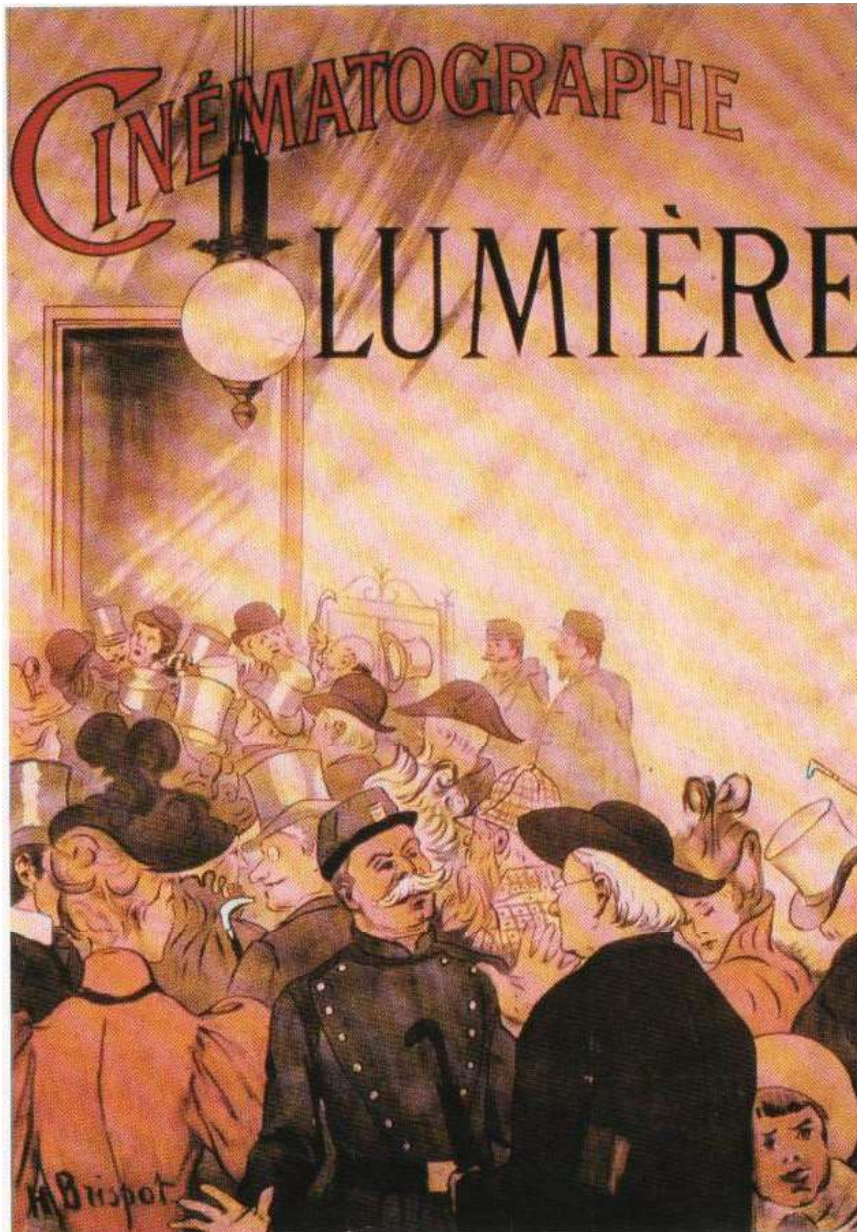
Memória é palavra-chave que poucos valorizam. Existe até os que dizem que memória é coisa de velho (como se eles não fossem ficar velhos).

No dito da professora Elizabeth Madureira Siqueira, “A memória contempla, sem seleção prévia, aquilo que foi vencedor e aquilo que foi derrotado, pois ela guarda as esperanças históricas do passado. Mesmo se constituindo numa evocação pretérita, a memória possui a inteligência do presente. O que seria do nosso presente se não houvesse o passado! O que difere o animal homem, é justamente a capacidade que este tem de raciocinar e ter “lembranças” do seu passado”. (ALENCASTRO, 1996, p.15)

1 Geógrafo e membro efetivo do IHGMT. anibalalencastro@hotmail.com

E nada melhor do que o cinema para se justificar o vocábulo “Memória”, uma vez que ele é um dos inventos que mais registrou fatos, fenômenos e comportamentos da sociedade de um modo geral. Esta maravilhosa arte promoveu uma das maiores revoluções sociais no nosso planeta.

O nascimento do cinema é de 28 de dezembro 1895, invento dos irmãos Lumière (Louis e Auguste) na França, embora os Estados Unidos não concordem plenamente, visto que o similar invento de Thomas Alva Edson datar de 1894. Porém, o invento de Edson, (o kintoscópio) era de caráter individual, permitindo somente um espectador assistir ao espetáculo, enquanto ao invento de Lumière (o cinematógrafo) oferecia espetáculos ao público, em uma mesma sala.



Propaganda do cinetographe Lumière. Acervo Aníbal Alencastro

Isso aconteceu há mais de 100 anos no *Grand Café do Boulevard des Capucines*, ocasião em que um seletivo grupo de pessoas viu um punhado de imagens em preto e branco sem som, exibidas pelos próprios irmãos Lumière. A chegada de um trem na tela assustou a plateia. Muitos desviaram a cabeça com medo de serem por ele atropelados. Assim, o cinema começou causando “espanto”.

No Brasil, o cinema chegaria cerca de seis meses após estreia parisiense, em 8 de julho de 1896, no centro do Rio de Janeiro, exatamente na rua do Ouvidor, bem no coração da Cidade Maravilhosa. Os jornais anunciavam o acontecimento: *Haverá exibição de “vistas animadas” como espetáculo, através do novo e revolucionário aparelho “onniógrapho” também chamado pelos nomes complicados de mimiscópio, cinematógrafo, cronofotografoscópio, aerialgrafoscópio, shadografoscópio, bioscópio, vitascópio.*

O *Jornal do Comércio* de 9 de julho de 1896, publicou o seguinte: *Em uma vasta sala quadrangular, iluminada por lâmpadas elétricas de Edson, nas paredes pintadas de vermelho escuro, estão umas duzentas cadeiras dispostas em fila e voltadas para o fundo da sala onde se acha colocada, em altura conveniente, a tela refletora que deve medir dois metros de altura aproximadamente.* (ALENCASTRO, 1996, p. 16)

Apaga-se a luz elétrica, fica a sala em trevas e na tela dos fundos aparece a projeção luminosa, a princípio apenas esboçada, mas vai pouco a pouco se destacando. Entrando em função o aparelho, a cena anima-se e as figuras movem-se. Talvez por defeito das fotografias que se sucedem rapidamente, ou por inexperiência de quem opera o aparelho, algumas cenas movem-se indistintamente em vibrações confusas; outras, porém, ressaltavam nítidas, firmes, acusando-se em relevo extraordinário, dando magnífica impressão de vida real. Entre estas, citaremos a cena emocionante de um incidente, de um incêndio, quando os bombeiros salvam das chamas algumas pessoas, da dança do ventre etc. Vimos também uma briga de gatos, outra de galos, uma banda de música militar, um trecho do “Boulevard” parisiense; a chegada do trem; a oficina do ferreiro, uma praia de mar; uma evolução espetaculosa de teatro; um acrobata no trapézio e uma “cena íntima”: *O espetáculo é curioso e merece ser visto, mas aconselhamos aos visitantes a se acautelarem contra os gatunos. A escuridão negra em que fica a sala durante a função é muito fácil aos amigos do alheio o seu trabalho de colher o que não lhes pertence. A polícia, que tão bem os conhece, poderia providenciar no sentido de impedir-lhes a entrada naquele recinto.* (ALENCASTRO, 1996, p. 18)

Um ano depois, a 31 de julho de 1897, Pascoal Segretto e José Roberto Cunha Salles inauguravam a primeira sala oficial de cinema, ainda na Rua do Ouvidor, RJ. O estabelecimento (que também apresentava outras atrações) tinha o nome de *Salão das Novidades* e ficava no número 141 da mesma rua. As projeções cinematográficas eram anunciadas como *Animatógrapho Lumière, a última palavra do engenho humano! A mais sublime maravilha de todos os séculos! Pinturas, mover, andar, trabalhar, sorrir, chamar, com tanta perfeição e nitidez como se homens, animais e coisas naturais fossem; é o assombro dos assombros!*

Salve Lumière! (ALENCASTRO, 1996, p. 19)

STORY LINE

As origens de nossos cinemas estão de certa forma ligadas às artes cênicas, isso porque o cinema nasceu representando o teatro. A arte teatral sempre foi uma forma da sociedade manifestar críticas e/ou elogios a qualquer situação social. Vale a pena, citar a origem do teatro cuiabano pela sua grande importância no século XVIII. O pai da história mato-grossense, o cronista José Barbosa de Sá, é quem nos informa que, em 1729, por ocasião da transladação da imagem do Senhor Bom Jesus, do sítio de Camapuã para Cuiabá, foram realizados festejos comemorativos, dentre os quais representação de duas comédias.

Carlos Francisco Moura, em *O Teatro em Mato Grosso*, afirma o seguinte: “No arraial pioneiro, elevado a vila apenas dois anos antes, já se documentavam representações teatrais, vinte e dois anos antes da instalação da Capitania. Enquanto isso, outras vilas e cidades brasileiras, na época perto de completar dois séculos de existências, teriam que esperar ainda muito tempo para possuir vida teatral” (MOURA, 1976, p. 33). Segundo o mesmo autor, esta precocidade teatral em Cuiabá deve-se à presença constante, nestas paragens, dos nossos irmãos portugueses.

Em outra documentação e crônica, atesta a participação de oficiais mecânicos e de comerciantes na organização e na representação de peças teatrais em Mato Grosso, tanto no século XVIII, como também no XIX. Fala também da efetiva participação de mestres de música, mestre de capela, professores régios de língua portuguesa e de língua latina, autoridades civis e militares e até do cronista Joaquim da Costa Siqueira. Brancos, negros e pardos tomavam parte nas representações, que eram realizadas em “tablado público” na praça principal de Cuiabá, onde até mesmo crianças participavam.

Conforme declarações de Moura, nenhuma outra capitania aderiu de forma intensa ao teatro, como Cuiabá. Em nenhuma se deu

tanta importância social e cultural às artes cênicas. É necessário que se mencione outro curioso registro feito em 1867, pelo então português Joaquim Ferreira Moutinho, que relata a organização de uma companhia de acionistas, organizada pelo Dr. De Lamare, para dotar Cuiabá de um teatro: “dava esperanças o teatro, porque os cuiabanos, não obstante estarem muito longe das boas escolas, manifestavam, contudo, grande gosto pela arte dramática”. (MOUTINHO, 1869)

Estevão de Mendonça comprova-nos a tão almejada companhia de teatro, quando nas *Datas Mato-grossenses*, registra, aos 23 de maio de 1877, a instalação, em Cuiabá, da *Sociedade Dramática Amor à Arte* composta de 62 sócios de camarotes e 98 de plateia. Em data de 01/07/1877, a sociedade oferecia ao público seu primeiro espetáculo, encenando duas comédias intituladas: *A torre em concurso*, de Joaquim Manuel de Macedo, e *O Novo Otelo*, de autor desconhecido: “Após melhoramentos de certo vulto, sob a presidência do Coronel João Teodoro Pereira de Melo, o edifício da Sociedade “Amor à Arte” passou em 1883, à denominação de “Theatro São João”. (MENDONÇA, 1973, p. 248)

Essa sociedade tomou mais tarde a designação primitiva, que conservou por dilatados anos, ora marcando dias esplendorosos, ora outros manifestando decadência. Assim chegou ao abandono e, por fim, à ruína. Nesse estado, do edifício restou ruína das paredes e terreno com entulho, vindo a municipalidade adquiri-lo em hasta pública. Tentaram, então, vários projetos de reedificação, cujo remate foi o arrasamento definitivo e recente. *O Teatro Amor à Arte, entretanto, teve projeção no nosso meio, e a sua sociedade reunia elementos mais representativos da Cidade. O edifício nada exprimia de elegância, com suas paredes altas e nuas. Possuía duas ordens de camarotes, salão com capacidade para 400 espectadores, palco singelamente ornamentado, além de dependências outras no interior. O corpo cênico enfeixava figuras da elite cuiabana. Na ribalta da instituição figuraram Hermínio Duarte e Juca Calafate, portadores de cabelos brancos. Este provocava a hilariedade da plateia, com exertos maliciosos.* (MOURA, 1976, p. 33)

Minerva e a Legenda e Ridendo Castigat Mores adornavam a entrada do edifício, inspiração brejeira do decorador Prudêncio. De tudo isso, nada resta hoje - *Sic transit glória mundi*”. Um outro registro animador ocorreu em 1884, pelo não menos conceituado, viajante alemão Karl Von Den Steinen: “Não é possível que haja uma outra cidade no mundo, onde se toque mais música, se dance mais, se jogue mais baralho do que aqui [...] É impossível também, que algum lugar se alteiem mais frequentemente os estandartes de procissão e se saiba

associar melhor os prazeres sociais”. (MOURA, 1976, p. 35) Entre o que de mais digno de nota havia em Cuiabá, ele se refere à *Sociedade Amor à Arte*, dedicada somente aos interesses da arte dramática e ao teatro, organizado por um tenente da marinha (Dr. Delamare). Nesse teatro, Karl Von Den Steinen assistiu a peça *Caim e Abel*.

Conforme relata-nos a história, em 1894, quando ocorreu um temporal, desabou o velho teatro São João. Nova comissão constituiu-se, em 1896, e assim foi-se arrastando e aos poucos esmorecendo as atividades da sociedade *Amor à Arte*, encerrando-se de vez em 1899. Nesse mesmo local, em 1903, já no século XX, Nicola Verlangière, um dos antigos membros da sociedade, sentido saudade dos áureos tempos, resolveu improvisar novamente o teatro, reconstituindo um novo palco e construindo uma cobertura de zinco, porém, não conseguindo o mesmo sucesso dos anos anteriores. Mesmo assim, a título precário, o teatro voltou a funcionar com algumas peças teatrais encenadas no precário barracão. Em 1911, ressurgiu das cinzas, novamente, a ideia da reconstrução de um novo teatro, quando do edital de uma resolução votado pela Câmara Municipal de Cuiabá, cujo teor foi o seguinte:

RESOLUÇÃO N° 75

O Tenente Coronel Avelino de Siqueira, Intendente Geral do Município da Cidade de Cuyabá. Faz saber que a Câmara Municipal decretou e elle manda publicar a seguinte Resolução:

*Artigo 1º - Fica o Intendente Geral do Município autorizado a contrair um empréstimo interno ou externo até o limite máximo de Quinhentos Contos de Réis, a juros de sete por cento ao ano, bem como a emitir apólices até o limite e aos juros mencionados, para construção de dois edifícios, um para o Mercado Público e o outro para o **Theatro Municipal**.*

*Artigo 2º - O Mercado será construído (...) e o **Theatro** será construído no local pertencente à antiga sociedade anônima “**Amor à Arte**”, situado à rua Joaquim Murtinho, esquina da Avenida Murtinho (Hoje Av. Vargas).*

*Artigo 3º - Fica igualmente autorizado o mesmo Intendente a fazer aquisição, por meio de compra e venda do terreno destinado a construção do theatro, e em falta de acordo com os representantes legais “**D’Amor à Arte**”, promoverá a desapropriação judicial do terreno, que desde já é declarado de utilidade pública.*

Artigo 4º - O empréstimo de que trata o artigo 1º será garantido com o produto das décimas prediais, que, desde a data do empréstimo ficará reservado para dito fim, sendo escripturado como - Renda com aplicação especial.

Artigo 5º - Revogam-se as disposições em contrário. Intendência Municipal em Cuiabá, 29 de dezembro de 1911.

Assinado: Avelino de Siqueira.

Sabemos perfeitamente que a providência tomada pelo poder público municipal, nada mais foi que a própria pressão imposta pela população local ao reivindicar um direito social, que há muito lhes fora tolhido. Já se havia passado mais de uma década, sem a cidade ter de volta o seu querido teatro. Contudo, dessa Resolução não aconteceu a tão esperada construção do tal teatro, porém apenas concretizou a desapropriação do terreno que, na verdade, sempre pertenceu à *Sociedade Amor à Arte* e que, a partir dessa data, passaria a pertencer legalmente à municipalidade. A própria comunidade não aguentando mais esperar pelas providências do poder público, resolveu propor um acordo coletivo, reformar, em mutirão, o barraco de zinco, que servira de salão de festas e teatro. Após a sua reforma, recebera novamente a antiga denominação de *Sociedade Amor à Arte*, voltando a ser o tão esperado ponto de encontro da batalhadora sociedade cuiabana. Nesse período, estava em franco desenvolvimento o comércio fluvial pelos rios Cuiabá e Paraguai. O surto açucareiro promovido pelas usinas do Rio Abaixo, a exportação da borracha dos seringais mato-grossenses a ipecacuanha (poaia) etc., imprimiam um novo vigor ao comércio de exportação no Estado. Cuiabá detinha, naquele momento, nada menos que quatro consulados importantes, mantendo intenso relacionamento internacional.

Representando a Alemanha, aqui estava o vicecônsul Henry Hesslein e sua família; John L. Atkinson, representando a Inglaterra; a Itália, representada pelo vicecônsul José Orlando e, Portugal, por Manoel Rodrigues Palma. Corumbá estendia a sequência desse dinâmico comércio fluvial, e ali se concentravam outros consulados, como o da Argentina, Bélgica, Bolívia, França, Itália, Paraguai, Portugal e Uruguai. A contínua presença desses estrangeiros e seus familiares, incorporados ao meio social cuiabano, enriquecia sobremaneira os conhecimentos culturais inteirando-se de tudo que havia de bom, de melhor e mais moderno. Este mesmo fato se fazia notar na querida cidade de Corumbá, visto que naquela época os laços sociais entre Cuiabá e essa cidade portuária eram bastante estreitos. Por vezes, ocorriam disputas entre as duas sociedades - foi o que aconteceu! Corumbá, embora não sendo Capital, já possuía um elegante teatro, o então famoso *Bijou - Teatro*, e de acordo com sua descrição, possuía 500 lugares, 34 camarotes, além de galerias, funcionando anexo a um dos primitivos cinemas da época.

Os cuiabanos que não queriam ficar atrás por orgulho, empreenderam a ideia de montar na capital um cinema similar ao de Corumbá. Com isso, implantou-se no barracão da *Sociedade Amor à Arte*, o nosso primeiro cinema, o *Parisien*. Isso ocorreu em 1912, conforme o *Egéria Cuiabana*, de Benedito Pedro Dorileo, que assim o descreve: *O cinema ao ar livre, com chão batido, tinha no filme mudo atração comovente... as bandas militares eram convocadas e enfeitavam musicalmente as sessões.* (DORILEO, 1976, p. 32)

Ao afirmar, que o *Parisien* foi o primeiro cinema, surge então certa dúvida! Pois, segundo Rubens de Mendonça, no *Roteiro Histórico e Sentimental da Vida Real do Bom Jesus de Cuiabá*, em 1910 já funcionava um cinema, onde hoje é a Igreja Presbiteriana, na Rua 13 de Junho.

Antes da construção dessa igreja, o terreno pertencia ao Sr. João Pedro Dias, e tinha uma frente para a Rua 13 de Junho e outra frente para a Antônio Maria, onde, posteriormente, foi a segunda sede da Cia Telefônica Cuiabana. Tudo leva a crer que nesse local existiu o *Cinema Mundial*, conforme o registro da *Revista Mato Grosso*, de 1910, volume VII, editada pela Missão Salesiana: “Por diversas vezes já temos tido o prazer de assistir às exhibições cinematográficas que os Srs. Domingos Dorsa e Irmão, proprietários do Cinema Mundial, tem proporcionado ao nosso público (...) as fitas exibidas, tiradas, uma de factos históricos como: Judite e Holophernes, A Destruição de Pompeia; outras de dramas comoventes e outras ainda de caráter cômico, além das bellas fantasias, tem agradado sobremodo aos espectadores.”

Talvez esse primeiro cinema não tenha logrado êxito, funcionando precariamente por algum tempo, mas acreditamos ter sido uma das primeiras centelhas do conhecimento da população cuiabana, da maravilhosa “sétima arte”. Consideramos que o *Parisien* foi como o primeiro cinema oficial cuiabano, sendo o seu idealizador, o Sr. Manoel Bodstein. Conforme nos conta o seu filho, Almir Jorge Bodstein, “O cinema *Parisien* ficava no centro da cidade, perto do Palácio do Governo, em frente á parte de trás da Catedral do Bom Jesus de Cuiabá, no começo da rua que tinha o apelido de Rua Formosa e diziam ainda que “para propaganda dos filmes na cidade, além dos cartazes em exposições na frente do cinema havia uma bela pirâmide sobre um carro puxado por burros, com guizos.” (Revista IHGMT, 1987)

Havia em todos os lados da pirâmide desenhos e letreiros sobre os filmes. A garotada da cidade acompanhava o carro da pirâmide pelas ruas, chamando a atenção de todos e bradando entusiasticamente, com voz forte:

*Hoje tem, Hoje tem?
Tem, sim senhor.
Hoje tem coisa boa?
Tem, sim senhor.
Mocotó com leitoa?
Tem, sim senhor.
Na casa de São Lisboa?
Tem, sim senhor.
Olha a negra na janela.
Que tem cara de panela.
Olha a negra no fogão.
Que tem cara de tição.
O lê lê, o lê lê bambu
Negro de casaca velha, parece urubu.*

E repetiam tudo mais entusiasmadamente.

Havia garotos que acompanhavam com bombos, prato, triângulos de metal e guizos. Fazia-se também imprimir em papel cor de rosa, amarelo ou branco, os

programas com resumo dos filmes; para autoridades e pessoas gradas, impressos em panos brilhantes de cetim azul ou cor de rosa, que dava uma linda apresentação.

Não se podia exigir muito dos cinemas, pois naquela época ainda se embrionava essa arte em todo o País. O cinema, na verdade, era tido como uma curiosidade, tratando-se de um aperfeiçoamento da fotografia. Na verdade, o vocábulo “cinema”, compreende o ato de filmar e projetar. Em nosso caso específico, tratamos mais como “cinema” o ato de projetar o filme, ou seja, das “salas de projeções”. Aquelas maravilhosas e primitivas máquinas de fazer cinema que aqui apareceram, talvez introduzidas pelos imigrantes italianos, que conforme nos conta Paulo Emílio: *O quadro técnico artístico e comercial do nascente cinema, era constituído de estrangeiros, notadamente, italianos cujo fluxo imigratório foi considerável no final do século XIX e nos primórdios do XX.* (GOMES, 1986, p. 28), Essas fantásticas caixas mágicas, os tais projetores cinematográficos, Na época, recebiam diversos nomes curiosos, como: cinema óptico, praxinoscópio, cinematógrafo etc.

PROGRAMAÇÃO DOS CINEMAS CUIABANOS ENCONTRADOS EM ANTIGOS JORNAIS

Jornal *O Debate*

Cinema Parisien

Em 06/11/1912 de Manoel Bodstein

Nome dos filmes: *A Bisbética Amançada*

1ª Parte *A Cúmplice*

Remédio Infernal – Comédia

O Filho do Saltimbanco – Drama

2ª Parte *Pela paz em família* – Cômico

O inscunho do paiol - Drama

Da piedade ao amor – Drama

3ª Parte *Romeu e Julieta* – Drama

Procura-se uma criada – Cômico

Cinema Ítalo-Brasileiro

Em 04/10/1913

O berço – drama

1ª parte Solene cerimônia da beatificação de Joana D'arc – Matinal

História de um furúnculo – Cômico

2ª Parte *Em busca do ouro* – Drama

Cinema Ideal

De Aristides Ozório em 12/04/1912

A mulher do cocheiro – Drama

1ª parte *A culpa do outro* – Drama

Ladrão magnetizador – Cômico

João, o idiota – drama

2ª parte *Os fabricantes de explosivos* – Drama

As peripécias do caçador míope – Cômico

Em 1912 – reclame no Jornal *O Democrata*

Cine Parisien

Hoje/5ª feira

Filme: *Nascer, gozar e morrer*

O mais estonteante drama, criado pelos studios americanos cinematographicos; uma obra que bate o record dos êxitos sensacionaes, lindo, forte, humano, maravilhosamente ensinado por verdadeiros mestres, tendo como principal intérprete a encantadora Bebe Daniels, brilhantemente secundada por Lewis Stone e Katherine Willians.

7 super sensacionaes actos.

Tão estupendo sucesso alcançou a exibição deste grandioso filme na 3ª feira última que para attender a muitos pedidos de habitués, para ser reprisado, a Empreza pediu prorrogação do prazo do aluguel e vae ser novamente apresentado na tela hoje as 9 horas da noite no glorioso Parisien.

Ninguém perca esta última oportunidade de admirar tão sensacional filme.

Todos ao Parisien!

O CINEMA DORSA DO PORTO



Cine Dorsa, Cuiabá/Porto. Acervo Aníbal Alencastro

Contou-nos a querida professora Dunga Rodrigues, no livro *Cuiabá ao longo de 100 anos*, em coautoria de Maria de Arruda Müller, a existência de um primitivo cinema funcionando no Porto. Era o Cinema Dorsa, de propriedade dos irmãos Domingos e Cavaliere Paulino Dorsa, de nacionalidade italiana (os mesmos do Cinema Mundial), proprietários também de uma grande empresa comercial, onde se vendeu o primeiro automóvel em Cuiabá, nos idos de 1919. Na fotografia do Álbum Gráfico (1914, p. 209), a torre da Igreja São Gonçalo ainda não continha o Cristo Redentor sobre o globo, fato que ocorreu após o ano de 1916, o que comprova que o Cine Dorsa deveria ter existido entre os anos 1912 e 1915. Este velho barracão de zinco teve o nome de *Teatro Progresso* e, com o tempo, foi transformado na Garagem Mecchi, de propriedade de Francisco Mecchi, se prestando como garagem de ônibus. No citado livro, a professora Dunga Rodrigues discorreu sobre alguns filmes assistidos por ela no *Cine Dorsa*, acrescentando que eles eram repassados a pedido dos interessados.

Referindo-se ainda ao *Cine Parisien*, documentos comprovam que o Sr. Bodstein o conduziu durante cinco anos, transferindo-o para a firma comercial Curvo e Irmãos, como se pode certificar no relatório apresentado à Câmara Municipal da Capital, sessão ordinária de novembro de 1917, elaborado pelo Tenente-Coronel José Antônio de Souza Albuquerque, Intendente Geral:

Resolução nº 162 - Referindo-se ao contrato seguinte:

*Em 25 de janeiro de 1917, arrendamento por 6 anos à firma Comercial Curvo & Irmãos, o terreno municipal sito à rua Joaquim Murтинho, para nele funcionar o **Cinema Parisien**, mediante o pagamento de 40\$000 mensais (Réis).*

*- Cujos terrenos, era cercado de muros de taipa, antigo **Theatro Amor à Arte**.*

Em outro relatório de 1919 (p. 12), apresentado à Câmara Municipal e datado 5 de novembro, o Intendente Coronel Alexandre Magno Addor ponderava: *O terreno murado da rua Dr. Joaquim Murтинho, esquina com a Avenida Joaquim Murтинho, continua arrendado a firma Curvo & Irmãos, onde funciona o Cine Parisien.* Segundo informações de pessoas que vivenciaram Cuiabá naquele momento, aquelas primitivas “máquinas de cinema”, eram movidas a manivela, ou seja, a tração mecânica de movimentar o filme era totalmente manual. A luz era projetada através de uma tocha de carbureto por gás de acetileno, acondicionado dentro de uma lanterna. Nas minhas pesquisas,

encontrei provas. Cuiabá, na época, era toda iluminada através desse combustível (gás de acetileno). O sistema de carbureto utilizado pelo *Cine Parisien* só veio a ser modificado em 1919, quando, no governo de Dom Aquino, o técnico João Pedro Dias instalou o primeiro grupo gerador movido a vapor, situado na antiga hidráulica, no Porto Geral, às margens do Rio Cuiabá. A partir desse momento, já contando com energia elétrica, embora ainda deficiente, o *Cine Parisien* modificava o seu sistema de “máquina de fazer cinema”. Pelo que se sabe, foi adaptado um motor elétrico no sistema de manivela, estabilizando a velocidade (na época 16 quadros por segundo) do filme no projetor. Os personagens na tela não ficavam mais a mercê do projetor, que, quando cansado, diminuía a rotação da máquina, daí o artista na tela, caminhava mais lento, ou vice-versa.

O sistema de iluminação do projetor cinematográfico também se modificou, passando a funcionar através de dois carvões de pólos diferentes, formando a incandescência, era o deslumbrante “Arco-Voltáico”, assim chamado por ter sido descoberto por “Alexandre Volta”. Esse primitivo sistema, era alimentado por corrente contínua, com carga maior de amperagem, produzida por uma ampola de vidro, denominada “Bulbo”. Este sistema era comumente chamado de “TUNGA”. O sistema, era muito eficiente, pois nada superava a intensidade de sua luz. Mas, devido a sua potência de luminosidade, surgia para o cinema um sério problema: os filmes da época eram produzidos por uma composição química de nitrato, eram chamados filmes de celulóide, altamente inflamáveis. Se o projetor do filme parasse por qualquer motivo e o projetista não fechasse a lanterna a tempo, o filme incendiava rapidamente, como se fosse pólvora. Esse tipo de filme foi produzido até o ano 1950, quando da invenção de outro tipo de suporte fabricado à base de acetato.

É importante que se diga, que a arte cinematográfica se estabeleceu em Cuiabá logo após o telefone e antes mesmo da capital possuir energia elétrica, e vinte e dois anos antes do aparecimento da primitiva rádio denominada *Rádio Sociedade de Cuyabá* (1934) montada pelo Sr. Deodato Gomes Monteiro.

A partir do ano de 1919, Cuiabá completava o seu bicentenário. Era início de um novo século e com ele nascia uma inovadora geração cultural. Benedito Pedro Dorileo, em *Egéria Cuiabana* (1976, p. 32), nos conta: *Na década de 20 organizou-se uma orquestra com a participação ativa de Zulmira Canavarros. Estávamos na época em que famosos compositores como Saint-Saers, Ildebrando Pizzeti e Erik Sati, escreviam partituras especiais para o cinema sem som.*

O conjunto musical do cinema era composto por Eugênio, Honório Simarinho, Zulmira Canavarros e Agnelo. É interessante ressaltar que os filmes de antigamente, no cinema mudo, eram projetados ao som de uma orquestra, posicionada ao pé da tela, que executava músicas pertinentes ao tema do filme. Era também muito utilizado o fonógrafo. Colocava-se o instrumento próximo à tela do cinema, provido de um disco mais ou menos apropriado, amplificando as músicas orquestradas. O fonógrafo era conhecido também como gramofone, ou seja, uma vitrola movida a corda. Embora o som fosse fraco, muitas vezes resolvia o problema, quando da ausência da orquestra. O fonógrafo foi inventado por Thomas Edson, em 1877. A utilização do fonógrafo no cinema deu-se o nome de Sistema Grafonoscópio.

Os primeiros filmes exibidos em Cuiabá eram de curta metragem, geralmente documentários com assuntos variáveis, pois os filmes de enredo, ainda não haviam chegado a Cuiabá. Seu tempo de projeção era em média de 15 minutos por rolo. Como era apenas um projetor, parava-se para efetuar a troca dos rolos dos filmes.

Já na década de 20, Cuiabá começou a exibir os chamados filmes “posados” ou de enredo, como eram chamados. Embora eles tenham sido produzidos entre os anos 1910 e 1911, só chegaram em Cuiabá com bastante atraso, motivado pelos transportes ainda deficientes entre nosso Estado e outras regiões do País. Entre os muitos filmes exibidos, citamos alguns: *A Cabana do Pai Tomás*, *Dona Inês de Castro*, *A Viuva Alegre*, *O Conde de Luxemburgo*, *Alma Sertaneja* (filme nacional) etc. No final da década de 20, tudo leva a crer que Cuiabá já se firmava na comunidade cinematográfica.

A *Egéria Cuiabana* registra essa importante fase do nosso cinema mudo: “*Filmes mudos encenados em 1923 a 1929, em Cuiabá:*

- *Mulher Corsária*, com Belle Bernet.
 - *Última Aventura*, William Boyd e Margareth Dela Motte.
 - *Tributo de Amor*, Vera Reynolds, Júlia Taye, Kenneth Thonson.
 - *Cowboy, o Valentão*, William Fairbanks, Dorothy Rivier.
 - *Violeta*, Pola Negri.
 - *Madame Pompadour*, Antônio Moreno, Dorothy Gish.
 - *Dois Batutas da Mangueira*, Wallace Berry, Raymond Hatton.
 - *O Guarani* (filme nacional), Armanda Mancery e Tácito e Souza.
- Mentira, Pola Negri

Em data de 6 de novembro de 1926, o Intendente Geral do Município de Cuiabá, Coronel Antônio Manoel Moreira, apresentou um Relatório à Câmara Municipal, com o seguinte teor:

THEATRO PÚBLICO

Há três anos atrás, pode-se dizer, a firma J. Gama & Cia, actual arrendatário do barracão onde funciona o “Cine Parisien” tomou o compromisso de construir um theatro municipal naquele local, mediante as condições constantes da Resolução nº 253, de 12 de dezembro de 1.925 e o respectivo contracto firmado com esta Intendência à 3 de Fevereiro de 1.926, obrigando-se a apresentar a respectiva planta e orçamento dentro de sessenta dias a contar da data da assinatura do referido contrato, o que fizeram no último dia 3 de abril, sendo aprovada a planta e orçamento de acordo com a parecer dos Srs. Engenheiro Felix Landis e Arthur Levy, previamente nomeado por esta Intendência, entretanto, até hoje não foi iniciada a construção alguma, limitando-se apenas a empregar algumas folhas de zinco em separação de quadras que nenhum benefício representam nem começo de construção de theatro. A meu ver, a não ser nos bons desejos da firma J. Gama & Cia, nenhum outro elemento possui ella para levar vencida semelhante empreendimento que depende de grande soma de dinheiro, que aliás ela não possui, como parece. Estou convencido que só teremos theatro quando os poderes públicos tomarem a seu cargo a sua construção e assim confiando nas promessas do Governo do Estado creio que brevemente teremos o nosso theatrinho.

A firma arrendatária deverá, se quiser continuar a explorar a cinematographia, pagando aluguel do local, porém sem compromisso algum para com município, senão de pagar o aluguel até que seja construído o theatro. Deixemos de vãs esperanças em coisas que não se realizarão.

Saudo-vos.

Antônio M. Moreira

Com base nesse documento, o Cine Parisien foi arrendado pela firma Comercial Curvo & Irmãos durante seis anos, até 1925, quando

foi transferido para a Empresa J. Gama & Cia que assumiu o compromisso de construir o tão almejado teatro, pois o cinema funcionava ainda no barracão de zinco. Suas instalações eram precaríssimas, visto que montado num ambiente que se assemelhava à estrutura de um circo, com arquibancadas tipo “puleiro”, confeccionadas de tábuas. Tinha um certo número de cadeiras e alguns camarotes reservados para as autoridades. E, segundo as declarações do Intendente, o compromisso de construção do novo prédio já se encontrava deteriorado.

Em outro relatório apresentado pelo Prefeito Municipal, Engenheiro Fenelon Müller, nomenclatura que substituiu a de Intendente para Prefeitura, e apresentado em 11 de janeiro de 1929 à Câmara Municipal:

THEATRO PÚBLICO

Até a presente data os concessionários do antigo teatro “Amor à Arte”, Srs. José Gama e D. Maria Frederica Lisboa, não puderam dar cabal cumprimento às cláusulas do seu contrato assinado com o Município em 3 de fevereiro de 1926, não obstante diversas prorrogações, a última das quais findou em 31 de dezembro.

A Municipalidade não dispõe, no momento, de recursos para a construção de um teatro confortável e de acordo com os progressos da nossa cidade.

O Governo do Estado, entretanto, interessa-se pelo também assunto, e portanto, talvez para breve possamos ter esse melhoramento.

Tendo terminado, como disse acima, a última prorrogação concedida aos concessionários do antigo “Amor à Arte” a 31 de dezembro último, esta Prefeitura vai estudar as alegações pelos mesmos apresentados e dará oportunidade ciência a esta Câmara.

Ass.: Fenelon Müller

A Empresa J. Gama & Cia, sofreu forte pressão do poder municipal que exigiu a construção de um prédio para funcionamento do teatro e cinema. O objeto da concessão à essa empresa não passava de um simples terreno, pois o cinema, na verdade, era um barracão de zinco. Sua renda talvez pagasse somente o aluguel dos filmes, não havendo condições mínimas para a construção de um novo edifício.

Neste cinema sem nenhum conforto, seus filmes eram exibidos por vários dias, não por questão de frequência de público, mas por não ter um outro filme para ser repostado. O transporte via lancha era muito demorado, chegando a passar mais de um mês para recebimento de outro filme. Apesar disso tudo, a empresa continuou movimentando o Cine Parisien até 1930, quando abandonou a concessão. Por um certo período ficou a cidade sem cinema até que surgiu um certo italiano arrojado, o senhor Ernesto Bonamico, que assumiu a direção do Cine Parisien. Este senhor reinaugurou o cinema, trocando-lhe o nome para o Cine Teatro República e, a 30 de março de 1933, o equipou com aparelhagem sonora. De fato, era a nova fase do cinema falado. Bonamico apenas instalou os aparelhos, mas continuou nas mesmas instalações do antigo barracão de zinco.

A *Egéria Cuiabana* assim descreve esse momento: “Chegou o grande dia, toda a cidade viu-se elevada; o primeiro “filme falado” seria rodado. Em 21 de abril de 1933, Cuiabá assistiu a *Marrocos*, com Gary Cooper, Adolph Majon, Marlene Dietrich e Even Southern. Ouviam-se vozes dos personagens e ruídos sincronizados; Nova era!”

Seguia com sucesso os primeiros filmes sonorizados: *Ana Karenina*, com Greta Garbo e John Gilbert; *Moby-Dick*, com John Barrimore; *Doce como Mel*, com Nancy Carrol; *Ressurreição*, com Lupe Velez e Gilbert Roland.

Os aparelhos implantados por Bonamico eram do famoso sistema de som *vitaphone*, desenvolvido pela Western Electric uma grande empresa de eletricidade norte-americana. Constava de um toca-disco, os famosos *pick-ups*, que nada mais era do que uma vitrola elétrica, injetada num amplificador saindo para os alto-falantes colocados atrás da tela, daí seu nome *Vita*, de Vitrola. O sincronismo entre o disco e a cena do filme deveria ser perfeito, senão acontecia do personagem estar movimentando a boca e o som da voz ser emitido depois. Quando eram danificados pedaços de fita, o operador tinha que acrescentar o mesmo tamanho da fita sem imagens, para não ocorrer dessincronismo. Daí o expectador assistir trechos da fita no escuro, apenas ouvindo o som que era produzido pela gravação do disco.

Samuel Warner, proprietário da Empresa Warner Brothers USA, comprou a patente Vitaphone, da Western Electric e em 8 de outubro de 1927 estreou *Jazz Singer* (O Cantor de Jazz), produção da Warner, falada e cantada, na interpretação de Al Jonson. O fabuloso sucesso da fita rendeu à empresa U\$ 2.000.000 dólares.

Retornando ao assunto administrativo do velho cinema, outro relatório, datado de 14 de abril de 1935, foi enviado pelo então pre-

feito da Capital, engenheiro João Ponce de Arruda, ao Dr. Leônidas Anthero e Mattos, Interventor Federal no Estado de Mato Grosso.

Na sua página nº 8, assim se descreve:

CINE - THEATRO

Novo Contrato foi assinado para a construção de um cine teatro no terreno sito à Avenida Joaquim Murtinho com a rua João Pessoa. E na cláusula principal, o novo Contratante Sr. João Pécora, obriga-se a construir o novo cine-theatro dentro de cinco anos.

Tudo leva a crer que Bonamico conduziu o cinema até o ano de 1935, quando da assinatura de novo contrato efetivado entre Sr. João Pécora e a municipalidade. E, ao que parece, o desejo da Prefeitura, continuava sendo a construção de um prédio onde funcionasse o teatro e também o cinema. Esse momento foi vivenciado por Benedito Rodrigues de Souza (Totózinho), o qual nos relatou: *Me lembro bem dessa época, Joanino Pécora é quem tocava o cinema, e que situava-se na esquina da rua Formosa, ao lado morava o Sr. Orlando Nigro, que era vizinho do Sr. Luiz Felipe, e entre esta casa e a Repartição da Luz, em que eu trabalhava ficava a residência do Sr. Joanino” Pécora (João Pécora).*

Continuando, seu Totózinho dizia: *O portão da entrada do cinema ficava na rua Formosa (Joaquim Murtinho), os anúncios dos filmes eram pintados no próprio muro do cinema por dois pintores muito conhecidos na época, que era o Domingos Surdo e o outro apelidado de Zé do Norte. Ainda me lembro dos cartazes dos filmes Tom Mix e o de King Kong.*

João Moreira de Barros no seu livro *Cuiabá e o seu Passado* nos conta: *[...] a intervenção veio a 6 de março de 1937. O fato mais importante ocorrido na Assembléia durante esse período foi a eleição de Júlio Müller, para completar o mandato do Governador Mário Corrêa, que falecera... logo em seguida ocorreu o golpe de Getúlio Vargas, exatamente a 10 de novembro de 1937, fechando a Assembléia. Implantava-se no Brasil o regime ditatorial denominado “Estado Novo”. O Bacharel Júlio Strubing Müller, continuou a governar o Estado de Mato Grosso, agora como Interventor. (MOREIRA, 1982, p. 77)*

Após esse momento turbulento do País, o ano de 1938 iniciava com novas perspectivas para o estado de Mato Grosso, pois tomava posse o competente engenheiro João Ponce de Arruda, como Secretário Geral do Estado, e também o engenheiro Cássio Veiga de Sá, representando a Coimbra Bueno, empresa de engenharia contratada pelo Estado para construção das novas obras oficiais programadas para o governo Júlio Müller. É o próprio Cássio Veiga, quem nos relata: *De*

acordo com as prioridades as obras à serem construídas, o Grande Hotel, seria a segunda obra a ser construída em Cuiabá. A localização da tal obra, seria justamente onde estava situado o antigo cinema Parisien. Após iniciada a primeira obra, que foi a residência dos Governadores, Cássio Veiga tratou também de dar início à segunda obra, o Grande Hotel:

Uma vez que a construção tomava seu ritmo, deixei-a bem organizada com o mestre Gunther, e tratei do início da obra do Grande Hotel. A segunda prioridade deveria ser a construção do Grande Hotel na esquina da Avenida Getúlio Vargas com a rua Joaquim Murtinho (antiga Rua Formosa), onde encontrei um barracão de zinco legítimo, chamado em outros tempos folhas de flandres, o qual era importado. A cobertura e as paredes eram de zinco, e também na testada, à guisa do muro, uma fiada de zinco colocada na posição vertical. Iniciei por retirar cuidadosamente o zinco que servia de muro, valendo-me de operário local, pois ainda não tinham chegado os contratados do Rio de Janeiro. Transeuntes que passavam indagaram o que eu estava fazendo e cortesmente, expliquei que estava demolindo, pois naquele local seria construído o Grande Hotel:

- Moço, isso é o “Amor à Arte”.
- Que é “Amor à Arte”?
- É o nosso teatro, não pode ser demolido.

Mas assim mesmo continuei meu trabalho e horas depois fui chamado por João Ponce.

Estávamos próximo do fim do ano e forçoso seria demolir o velho teatro, mas também João Ponce, atendendo uma pretensão daqueles que em outros tempos ali encenaram ou assistiram a peças teatrais, da antiga Cuiabá, aquieceu em retardar a demolição para que pudesse ser feita uma despedida do “Amor à Arte” no Reveillon de 1939.

Esclareci ao Dr. João Ponce que não havia grande inconveniente porque o projeto do Grande Hotel, a cargo do arquiteto Carlos Porto, eu ainda não o recebera, de modo que apenas estava preparando o terreno, o que na verdade não atrasaria a obra.

Em vez de iniciar a demolição, iniciou-se a preparação do “Amor à Arte” para sua despedida, sendo ornamentado o salão e, porque não tinha pano de boca de palco, improvisei um de abertura manual que no dia funcionou muito bem.

Foram colocadas mesas deixando uma pista de dança improvisada, uma iluminação e, sob efeito das luzes o aspecto do teatro era bem diverso daquele aspecto que se poderia ter externamente. Na festa de despedida, as moças da sociedade apresentaram números de danças clássicas e declamação.

Finalmente marcou com bastante alegria a despedida do “Amor à Arte”, que com tantas recordações encerrava com chave de ouro para aqueles que durante tantos anos cultivaram a arte teatral e de quando em vez ali se reuniam em comemoração e festas das quais tinham muito o que recordar.

No dia 2 de janeiro de 1939, iniciei a demolição do “Amor à Arte”, tendo o cuidado de aproveitar todo o zinco que foi entregue ao Estado para outro destino, e a parte ocupada pelo palco e camarim, que era de taipa, serviu para aplainar o terreno”.

É estranho que em nenhum momento o Dr. Cassio, referiu-se ao velho cinema que ali funcionou por muitos e muitos anos. Acreditamos que o mesmo tenha sido desmontado anos, bem antes, talvez, por descumprimento contratual, ou mesmo em virtude do Estado ter-se apropriado daquele patrimônio.

Com o Estado Novo, no período de Intervenção de Júlio Müller, inicia-se um novo momento na Administração Pública. Nesse período abriu-se uma grande Avenida partindo da Praça Alencastro, antigo largo do Palácio, paralela à Rua Cândido Mariano, tomando o lugar da antiga Rua Poconé que era na época, mais caminho que rua, cruzando a Barão de Melgaço, antiga rua do Campo, e a Comandante Costa, antiga Rua da Fé. “A nova avenida deu-se o nome de Getúlio Vargas.

A CONSTRUÇÃO DO CINE TEATRO CUIABÁ

Segundo relatórios de Cássio Veiga de Sá, tudo nos leva a crer que o cinema foi construído em etapas. Soubemos que o início foi em 1941 e de, acordo com o seu próprio relatório: “Após a construção do hotel e conforme a programação dada por João Ponce, passariam para construção do Cine Teatro Cuiabá”. De acordo com esse relato, o cinema estaria programado para ser a terceira obra a ser construída, o que não aconteceu. Primeiro foi construída a residência dos governadores, em segundo o Grande Hotel e apenas iniciadas as obras do cinema que foi paralisada, visto a necessidade de despender esforços na construção da Ponte Júlio Müller. Logo em seguida teve início as obras do Quartel do 16º BC, posteriormente a construção do Clube Feminino e o Abrigo Bom Jesus.

O cinema, pelo jeito, já estava sendo esquecido pela alta cúpula administrativa, pois, para eles bastaria o Grande Hotel e o Clube Feminino para os entretenimentos, mas acontece que o cuiabano já tinha sido “mordido” pela magia do cinema, e o pouco do conhecimento que obtivera através do saudoso Cine Parisien, despertou-lhe a necessidade de ter de volta o seu cinema, reclamando com toda razão, alegando que o Clube Feminino e o Grande Hotel agradavam mais à elite, enquanto que para a maioria da população a única diversão estava sendo o Jardim Alencastro.

O jornal *O Estado de Mato Grosso* recém-inaugurado em 27 de agosto de 1939, pelo saudoso Archimedes Pereira Lima, reascendeu as esperanças, publicando mensagens relativas à construção do novo cinema. De princípio, fez uma reportagem completa, de como seria o novo cinema, depois, o mesmo jornal de 28 de julho de 1940 promoveu uma enquete:

O ESTADO DE MATO GROSSO

Ano I Cuiabá, 28 de junho de 1940 nº 261

QUE NOME DAR-SE-Á AO HOTEL E CINEMA DE CUIABÁ?

A enquete lançada pelo “O Estado”, consultando aos seus leitores sobre o nome a ser dado ao magnífico Hotel e Cinema de Cuiabá teve a melhor acolhida por parte dos que nos lêem tendo sido inúmeros aos votos trazidos à nossa redação.

A votação será oportunamente apurada e o seu resultado comunicado ao Governo do Estado, afim de que este se entender conveniente, a aproveite.

Os votos enviados a redação do “O Estado”, até agora, lembram o Hotel, entre outros, os nomes de: Hotel Bandeirantes, Bandeirantes Hotel, Grande Hotel, Pálace Hotel, Mato Grosso Hotel, Grande Hotel de Mato Grosso, etc. e para o cinema, Cine Teatro América, Cine Central, Cine Bandeirantes, Cine Tupi, Cinema Cuiabá, Cine São Luiz, Cine Coliseu, etc.

Um dos nossos leitores, ocultando-se sob o pseudônimo de Dr. Sayonara, enviou o seu voto justificando em versos, que pelo prazer de o publicarmos, ficou desde logo apurado.

É o seguinte o voto do Dr. Sayonara:

VOTO JUSTIFICADO

Ao Sr. Amarílio Calháo (redator)

Seja seu berço ou pouso, o homem o incensa, exaltando-o entre cívicos assédios..Assim quero exaltar, e episódios, a terra que me dá guarida imensa.

Atendendo a um inquérito da imprensa, para dar nomes a dois lindos prédios, - um, Cinema e outro Hotel - em termos médios.

Vou dizer o que o meu bestunto pensa.

Na minha opinião, se chamará o primeiro - da enquete do alvoroço, Simplesmente; “Cinema Cuiabá”.

O segundo, por ser mesmo um colosso de bela arquitetura, deverá chamar-se “Grande Hotel de Mato Grosso”.

Dr. Sayonara.

O Cine Teatro Cuiabá foi construído na nova Avenida Vargas, ao lado do Grande Hotel de Mato Grosso, em um terreno medindo 29 metros de frente por 26 de fundo, terreno quadrado. Uma curiosidade: o cinema foi construído no sentido contrário ao declive natural do terreno, o que ensejou a declividade do auditório que foi se enterrando e trazendo sérios problemas de infiltração no futuro. Supõe-se que o seu projeto veio pronto do Rio de Janeiro, o qual deveria ser para uma outra área, mais plana. Segundo o engenheiro construtor Cássio Veiga de Sá, o projeto foi elaborado pelo arquiteto Humberto Kaulino, do Rio de Janeiro. Considerando a tradição histórica e cultural dos cuiabanos iniciada com a antiga *Sociedade Amor à Arte*, onde eram fartas as manifestações artísticas e onde eram encenadas peças teatrais, saraus etc., como também o inesquecível *Cinema Parisien*, a administração Júlio Müller recomendou à construtora Coimbra

Bueno a execução de um projeto que englobasse cinema e teatro, o que foi feito e, diga-se de passagem, muito bem feito.

A construção do cinema veio impor certa transformação socio-cultural na comunidade cuiabana. Embora sua fachada ser modesta, o interior do prédio nada ficava a dever às melhores salas de diversão do País. Pela primeira vez, em Cuiabá, se via vãos livres de concreto armado na cobertura. Eram as *sancas* ensanfonadas em frente à boca de cena, produzindo um visual fantástico. Outro detalhe que muito impressionou foi o imenso balcão superior, com acomodação para 150 lugares que, somando com a parte de baixo, completava 600 lugares. O arquiteto Kaulino projetou também um segundo pavimento, onde deveria funcionar um salão de chá, muito utilizada no Rio de Janeiro. Após as sessões do cinema, o expectador desfrutaria de momentos sociais agradáveis. Reafirmando, o edifício do Cine Teatro Cuiabá representou um marco para a história cultural e socioeconômica do Estado, caracterizado pela edificação realizada num momento importante da construção civil, sendo considerado uma ruptura entre o processo tradicionalmente empregado e o aportamento de um novo modo de construir, materializando o salto feito entre a construção em taipa para a de concreto armado, trazidos pelo engenheiro Cássio Veiga de Sá: *Antes mesmo da entrega da obra, o Dr. João Ponce de Arruda promoveu a concorrência para o arrendamento do cinema, ficando a tela, projetores e cortinas por conta do arrendatário.* (SÁ, 1942, p. 165)

Lázaro Papazian (Foto Cháu) e Francisco Laraya venceram a concorrência. Laraya partiu para o Rio e São Paulo para se enteirar de tudo que havia de melhor em termos de cinema. Laraya, por ser um grande comerciante em Cuiabá, teve grande facilidade nas negociações para aquisição dos materiais cinematográficos. Cassio esclareceu esse momento: *Antes mesmo do seu funcionamento como cinema, o maravilhoso Cine-Teatro, apresentou peças teatrais, como aqui descrevemos: Cala Boca Etervina, de autoria de Ademar Gonzaga.* (Sá, 1942, p. 166)

Gervásio Leite foi o diretor artístico, os figurantes foram os inesquecíveis Leônidas Pereira Mendes, Alberto Addor, Ana e João Pinheiro, Madalena, e Danglars Canavarros. Por três noites o cinema ficou lotado, um sucesso, e o trabalho daquele grupo de amadores que tinha seu desempenho igualado aos dos profissionais de teatro. Ainda antes da chegada da aparelhagem do cinema, veio a Cuiabá Helena Magalhães Castro, em companhia de sua prima Selma, para promover um recital de declamação. Novamente o Cine Teatro lotou totalmente. O Cine Teatro com sua construção de aproximadamente 750 m² de

área construída custou aos cofres do Estado, naquele momento, Cr\$ 1.532.308,50, quase igualando aos custos da grande obra da Ponte sobre o Rio Cuiabá, cujo custo ficou em torno de Cr\$ 1.844.250,50.

Com base nas informações de Zeferino Corrêa de Oliveira (pessoa de grande amizade do Sr. Laraya) nos relatou que “no retorno do Laraya a Cuiabá, trouxe consigo todo o equipamento do novo cinema, acompanhado dos respectivos técnicos para a montagem, inclusive trouxera consigo os novos contratos dos filmes a serem exibidos doravante no *Cine Teatro Cuiabá*. Dizia ainda o Zeferino que a Empresa Laraya era a única representante em Cuiabá e região mato-grossense de vendas de veículos automotores: Dodge, Plymouth, Kaiser, Henri Júnior, Morris, os caminhões Réoc Chegou a vender as primeiras geladeiras domésticas em Cuiabá, assim como as famosas, motocicletas NSU, e as bicicletas Philips, além de ser o representante dos produtos eletrônicos da Philips e da RCA Victor que, por sinal, eram as marcas dos novos aparelhamentos cinematográficos recém-adquiridos para o novo cinema.

Francisco Laraya, filho de Egídio Laraya, imigrante italiano, designara como gerente do cinema o seu primo, Garibaldino Pécora, o popular seu “Gari”, ex-agente da primitiva empresa cuiabana de ônibus “Sacadura”. Seu Gari era filho de João Pécora, conhecido como Joanino Pécora, um dos últimos concessionários do saudoso *Cine Parisien*, também eram descendente de imigrantes italianos.

A INAUGURAÇÃO DO CINEMA



Propaganda jornalística da inauguração do novo cinema em Cuiabá. Acervo Aníbal Alencastro

Finalmente, era chegado o grande dia, o jornal *O Estado de Mato Grosso*, anunciava a inauguração do novo cinema.

Esse cinema, tão esperado evento, assemelhava-se à “gestação” de um filho, considerando todo o período de sua construção, quando a comunidade cuiabana fiscalizava e acompanhava atentamente as obras, nos mínimos detalhes.

Era o dia 23 de maio de 1942 e seria exibido nesse grandioso dia um dos grandes filmes da Warner Bros, intitulava-se *A noiva veio como encomenda*, estrelado por Bety Davis. Esse filme foi trazido a tiracolo por Francisco Laraya, quando da sua ida ao Rio de Janeiro.

Segundo notícias da época, a sessão inaugural foi magnífica, contando com a apresentação do chefe maior do Estado, o Interventor Júlio Strübing Müller, o idealizador e construtor da obra.

No comentário geral, o povo dizia: “*demorou, mas valeu a pena*”.

Por trás daquela beleza de espetáculo, estava a primeira equipe de funcionários, dedicados, como o saudoso Ponciano Maciel da Cruz Filho (Pinto), que foi o primeiro projecionista do cinema. Nascido em Rosário Oeste, em 9 de dezembro de 1912, ao lado dos demais operadores: Luiz Montanha, Marcides Olímpio de Almeida, Djalma Valadares e outros. Na portaria do cinema, com toda amabilidade, lá estava o seu Raul Gonçalves, Pedro Troy, Romão e posteriormente Ursulino Ferreira da Silva, Henrique Silva e muitos outros que, mesmo anônimos, ficaram gravados na lembrança da sociedade cuiabana.

SISTEMA MOVIEZONE

Os projetores cinematográficos adquiridos por Francisco Laraya eram providos do novo sistema sonoro da época, o som óptico, denominado também de Sistema Movietone. A maravilhosa técnica cinematográfica foi produto de um complexo de inventos, aperfeiçoados através da fotografia, da mecânica e da eletrônica.

Pode-se assim dizer que o sistema movietone foi essa comprovação, reunindo o efeito da luz do movimento mecânico e da sua transformação em som, este sistema, era considerado o mais perfeito! Inventado por Eugênio Lauste, consiste em registrar o som sobre o filme, ao lado da imagem, na mesma velocidade que o som era convertido em sombras e fixada por processo fotográfico no próprio filme, daí sua denominação de *som óptico*. Esse processo foi aperfeiçoado por Lee De Forest e patenteado por William Fox. Em 25 de maio de 1927 a Fox apresentou, no Sam Harrys Theater, o filme *The Seventh Heaven* (O Sétimo Céu), de Frank Borzage, o primeiro filme com som óptico.

A Warner se aliou à Radio Corporation of América (R.C.A.), manejada pelo grupo Rockefeller e à First National Pictures, que controlava a maior cadeia exibidora do País. Fundou, em Hollywood, a Rádio Keith Orpheum (R.K.O.), unindo-se a Warner e a Stanley Company, formando um grupo muito poderoso que assumiu o controle da Fox.

Nos projetores cinematográficos, a reprodução do som óptico era feita através de um fio de luz projetado, que atravessava a área sombreada do filme, excitando uma fotocélula, transformando-se em som. O sistema Movietone, também chamado óptico era tão perfeito que até hoje se utiliza este mesmo princípio no *som laser*, com alguma técnica a mais. (ALENCASTRO, 1996, P.56)

O APARECIMENTO DO CINEMASCOPE

Já no final da década dos anos 50, aproximadamente em 1958, surgiu em Cuiabá a grande inovação do cinema, o processo cinemascope. O Cine Teatro Cuiabá exibiu com muito honra e orgulho, *O Manto Sagrado*, com Victor Mature. Seria o primeiro filme feito pelo novo processo. Em seguida, Cuiabá exibiu uma série de filmes em cinemascope, entre os quais citamos *Demetrius, o Gladiador, Spartacus* e até um que nunca me esqueci, *Ao Balanço das Horas*. Esse filme era Cinemascope e em preto e branco. Era um tremendo musical, onde aparecia pela primeira vez os *The Platters*, cantando *The Great Pretender* e *Only You*; *O Egípcio*, com Victor Mature, *Trapézio*, estrelado por Gina Lollobrigida e Burt Lancaster.

No processo Cinemascope, é registrado no filme de 35 mm um campo maior de imagem. A mesma é comprimida por meio de uma lente anamórfica e, na projeção, a mesma lente inversa coloca as imagens na tela em proporção normais, projetando-as em grandes telas retangulares. A invenção foi do francês Henri Chrétien, que chamou sua lente de Hypergonar. Iniciava, nos anos 60, a gestão do Sr. Natanel e o Dr. Clóvis Cardoso estava terminando o *Cine Cuiabá*, que tinha dois concorrentes, o *Cine São Luiz*, no Porto, e o *Cine Cidade Verde*, na rua 13 de Junho, esquina com a Avenida Dom Bosco.

Vencia a nova concorrência o Sr. Francisco Calháo e seu sócio Gabriel Martiniano de Araújo. Governava o Estado João Ponce de Arruda. A nova administração do *Cine Teatro Cuiabá* promoveu uma reforma no prédio e logo voltou a funcionar, porém dispensara alguns dos antigos funcionários, recrutando novos. Logo no ano de 1961, João Ponce de Arruda deixou o governo, fato que, de certa forma, veio a desfavorecer a nova concessionária do *Cine Teatro Cuiabá*, visto que o seu partido era contrário ao do novo governador que assumia,

Fernando Corrêa da Costa. Nesse ínterim, tramitava uma ação judicial contra a nova concessionária, movida pela antiga, que acabava de deixar a direção do cinema.

Mesmo assim, o cinema funcionou durante um período de, aproximadamente, dois anos, quando voltou novamente às mãos do Natanael, agora como Empresa Cinematográfica Cuiabana, onde eram concessionários Natanael Nonato de Farias, Clóvis Cardoso, Cleto Campelo Meireles e Caliope Nunes de Barros. Isso ocorre em 1963, quando o cinema se encontrava em bom estado de conservação. Essa nova empresa teve que equipar o cinema com novos projetores, pois os que ali estavam montados pertenciam a Calháo e, logicamente, seriam retirados.

Depois de certo período fechado, reabriria novamente o *Cine Teatro Cuiabá*, agora, com a presença constante de um dos diretores da Empresa, Cleto Campelo Meireles, e estava chegando para assumir novamente a gerência do cinema, o conhecido Benedito Amorim, que, além de gerente, ficou sendo dono da nova bomboniére do cinema. Nessa nova reabertura, o *Cine Teatro Cuiabá* estreou com o filme *A Morte Comanda o Cangaço*, espetacular filme do cinema brasileiro em Eastmancolor. Nessa época Amores Clandestinos era o prefixo do cinema, foram projetados Ben-Hur, com Charlton Heston, *O Circo dos Horrores*, além de uma série de outros filmes da inesquecível Sarita Montiel, exibindo também *Cleópatra*, estrelado por Elizabeth Taylor e Richard Burton, e muitos outros bons filmes. (ALENCASTRO, 1996)

MATO GROSSO E OS CINEMAS EM 1957

Com base nas estatísticas de 1957, a população mato-grossense era de 522.044 habitantes, e o Estado possuía 35 municípios (O Estado não era dividido ainda). As principais cidades eram Cuiabá (Capital) e Campo Grande que, na época, possuía três cinemas 35 m/m: o *Cine Rialto*, *Cine Alhambra* e o *Cine Teatro Santa Helena*. Corumbá, possuía dois cinemas de 35 m/m: *Cine Santa Cruz* e o *Cine Tupi*, para 1.100 espectadores. Seccionando a porção norte do Estado naquele momento, identificamos os pequenos cinemas que pertenciam à distribuidora do Senhor Bela Tabori em Cuiabá:

Cáceres, o Cine Palácio, com 355 poltronas.

Guiratinga, Cine Arpia, com 200 poltronas.

N. S. Livramento - Cine da Paróquia, com 100 poltronas.

Poconé - Cine Prado, com 400 poltronas.

Poxoréu - Cine Para Todos, com 200 poltronas.

Rondonópolis - Cine Meridional, com 300 poltronas.
 Várzea Grande - Cine Bela e o Cine Várzea Grande.

De acordo com os anuários estatísticos do IBGE, em 1933 o estado de Mato Grosso tinha sete cinemas. Em 1937 já aumentava para oito, em 1944 já quase dobrava a quantidade para 15 cinemas. Saltando no tempo para o ano de 1967, Mato Grosso contava já com 44 cinemas. A partir dos anos 70, os nossos queridos *Nicklodeons* passou a dar lugar às famigeradas *telinhas*, que chegou de vez, tomando posse daquele público interiorano. Não faltava prefeito colocando televisão em plena praça pública da cidadezinha, fazendo com isso seu *Lobby* político. (ALENCASTRO, 1996)

CINEMA ARTE

A sétima arte propriamente dita, ou seja, as produções cinematográficas historicamente apresentadas no estado de Mato Grosso, não contou com qualquer realização efetiva com produções encenadas, como ocorreu em outros centros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais etc. Baseando-se nas publicações de *Alma do Brasil e Esboço Histórico do Cinema*, nas pesquisas de Otávio Guizzo, as produções de filmes ocorrida dentro do Estado, não passaram de documentários e cine-jornais. Até os anos 50, o que existiu na verdade foram alguns registros de documentários ou mesmo reportagens de cinegrafistas que aqui estiveram em visitas.

Pelo que podemos identificar, os primeiros registros cinematográficos de Mato Grosso foram executados pelos cinegrafistas da comissão Rondon, talvez nos anos 20. Tratava-se de documentários, filmados em bitola de 9,5 mm, com 16 quadrinhos P/S, com cenas tomadas sobre aspectos panorâmicos da cidade de Cuiabá e das diversas expedições através do sertão mato-grossense, com grande ênfase de imagens dos indígenas. Amadoristicamente podemos citar o caso do inesquecível fotógrafo Lázaro Papaziam (o Chau) que, como fotógrafo oficial do governo, registrou, além da suas fotos oficiais, reportagens e documentos importantes para a época – chegadas de autoridades, como a exemplo dos presidentes: Getúlio Vargas, Eurico Dutra, a inaugurações de prédios oficiais, desfiles cívicos, cerimônias e até mesmo o flagrante de demolição da histórica Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Para isso, utilizou da sua filmadora Payllard 16 mm.

Ainda no começo da década de 60, em Campo Grande, surge uma legítima, produção mato-grossense, o primeiro filme elaborado dentro do estado de Mato Grosso não dividido. Tratava-se de os

Paralelos Trágicos, produzido e dirigido por Aboud Lahdo, cidadão campo-grandense que, com muita garra, produziu o primeiro filme mato-grossense, embora com algumas tomadas de cenas na cidade de São Paulo. Os atores eram amadores e legitimamente mato-grossense. O tema do filme era um drama amoroso, na linha dos melodramáticos mexicanos, muito evidente à época. A produção foi rodada em preto e branco com uma duração de aproximadamente uma hora e meia de projeção. *Paralelos Trágicos*, após sua estreia oficial em Campo Grande e Corumbá, teve sua grande estreia em Cuiabá, no maravilhoso *Cine Tropical*, ainda no começo da década de 60.

No início dos anos 70 foi rodado também um longa metragem, uma produção em solo mato-grossense, isto é, nas proximidades da cidade de Poconé, precisamente na zona pantaneira. Sob a direção de Reinaldo Paes de Barros, era o *Pantanal de Sangue*, cujos autores do filme foram o campo-grandense David Cardoso e o cuiabano Rosalvo Caçador.

Segundo as palavras de Luiz Borges, pesquisador e diretor do Cine Clube Coxiponês:

O cinema em Mato Grosso historicamente tem sido considerado uma arte menor no contexto cultural de outras artes mais “consolidadas” no Estado como a música, artes plásticas e o teatro. Só muito recentemente iniciou seu processo de reinserção no seio da cultura mato-grossense. Contribuem para este processo, por um lado, a animadora agitação cultural em circuito alternativo promovida por cinéfilos e pela Universidade Federal de Mato Grosso, através do Cine Clube Coxiponês, a Associação Mato-grossense de Áudio Visual, da Secretaria do Estado de Cultura com a Divisão de Áudio Visual. Por outro lado uma contribuição capital, tem sido o conhecimento da história do cinema no Estado através do trabalho de uns poucos pesquisadores e estudiosos que elegeram como tema de suas investigações. (ALENCASTRO, 1996, p. 8)

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Aníbal. *Anos Dourados dos Nossos Cinemas*. Ed. Prisma. SEC-MT. 1996
- ALENCASTRO, Aníbal. *Freguezia Nossa Senhora da Guia*. Ed. Fundação Julio Campos. Várzea Grande. 1993.
- ANUÁRIO MATO-GROSSENSE. Rio de Janeiro: Olímpica, 1957.
- AYALA, S. Cardoso - *Album Graphico o Estado de Matto-Grosso*. Hamburgo – Alemanha: 1914.
- CÂMARA MUNICIPAL DE CUIABÁ. *Regimento Interno da Câmara Municipal de Cuiabá*. Cuiabá: Avelino de Siqueira, 1907.
- CÂMARA MUNICIPAL DE CUIABÁ. *Relatório da Câmara Municipal de Cuiabá, 1920-1935*. Cuiabá: Pereira Leite.
- CARDOSO, José Adalto. *Cinema em Close-Up*. São Paulo, Ed. Azul, 1977.
- COSTA E SILVA. *Dicionário Universal de Curiosidades*. São Paulo: Comércio e importação de Livro Cil, Curso de Introdução à preservação de Acervo foto/cinematográfico, monitorado pela Prof.ª Maria Fernanda Curado Coelho, da Cinemateca Brasileira - Promovido pelo Cine Clube Coxiponés. 1993 - UFMT.
- DICIONÁRIO LELLO. Porto: Lello e Irmãos, 1963 - Porto, Portugal.
- DICIONÁRIO UNIVERSAL DE CITAÇÕES. São Paulo: Nova Fronteira, ANO?
- DORILEO, Benedito Pedro. *Egéria Cuiabana*. São Paulo: Vaner Bicego, 1981.
- ENCICLOPÉDIA CONHECER 2000. São Paulo: Nova Cultural, 1995.
- ENCICLOPÉDIA BARSA - Vol. 4. Rio de Janeiro/ S.P: Enciclopédia Britânica., Enciclopédia da Mulher e da Família - Ed. Delta S/A - Rio de Janeiro Volume XV. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Vol. XXXV -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Rio de Janeiro - 1958.
- Enciclopédia Mirador Internacional - Pg. 2414 à 2484.
- FUNCETUR - Fundação de Cultura e Turismo do Estado de Mato Grosso.
- GOMES MONTEIRO, João Alberto. *O “Boateiro” e sua janela mágica*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras, 1992.
- GOMES, Paulo Emílio. *Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- LADEIRA, Julieta de Godoy. *Memórias de Hollywood*. São Paulo: Nobel, 1988.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão, a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1933.
- MENDONÇA, Estevão de. *Datas Mato-grossenses*. Goiânia: Rio Bonito, 1973
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*. Cuiabá: Igrejinha, 1975.
- MOURA, Carlos Francisco. *O Theatro em Mato Grosso no século XVII*. Cuiabá: UFMT, 1976.

MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Cuiabá: FIEMT, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CUIABÁ. *Código de Postura da Intendência Municipal de Cuiabá*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1903.

SÁ, Cássio Veiga de. *Memórias de um Cuiabano Honorário*. São Paulo: Resenha Tributária, 1980.

